

AUTORA DO MULTIPREMIADO A RAPARIGA DO CASACO AZUL

MONICA HESSE

OS QUE FICARAM PARA TRÁS

NOMEADO

PRÉMIO
EDGAR

TOP
SEL
LER

#BLISS

«A combinação perfeita entre história, romance e mistério. Um livro que é um hino à esperança e aos recomeços.»

BookPage

Para o Andrew, o meu irmão mais novo.



A última vez em que vi o Abek: Arame farpado, nós de metal enferrujado. Eu estava a ser transferida. Todas nós estávamos, as raparigas com sorte que ainda conseguiam costurar e ficar de pé. Enquanto os guardas nos faziam marchar pelo lado do campo reservado aos homens, estes estavam a alinhar-se para a chamada. Os nossos olhos passaram-lhes rapidamente uma revista, procurando pelos esqueletos vivos dos nossos pais e primos. Nesta altura já éramos muito boas a murmurar sem fazer qualquer barulho e a ler os lábios. «Rosen? Rosen ou Weiss?» Era o que perguntávamos silenciosamente, passando sobrenomes pela vedação como se fossem orações. «Há aqui alguns Rosen de Cracóvia? De Lodz?»

O rosto dele continuava rechonchudo e os seus olhos continuavam cristalinos, pelo que consegui perceber. Os homens mais velhos deviam andar a dar-lhe o seu pão: pelo menos, no início faziam isto com os mais jovens entre nós. Vi o Abek saudável e agradeceu por todas as vezes em que pude dar o meu pão à irmã de alguém na minha própria caserna. Era uma espécie de pacto que fiz com o universo, para que alguém pudesse fazer o mesmo pelo meu irmão.

— Abek Lederman — murmurei silenciosamente à rapariga que estava ao meu lado. — Terceira fila.

Ela ouviu o nome dele e murmurou-o pela vedação. Ao mesmo tempo, do outro lado vi os homens a apartarem-se, a alcançarem os ombros do meu irmão e a empurrarem-no um pouco mais para a frente.

Sabia que não teríamos mais do que breves segundos. Quase não dava tempo para poder segurar-lhe na mão e entregar-lhe qualquer coisa. O que tinha para lhe dar? Porque não guardara metade de uma batata ou um pedaço de fio?

Uma mulher parou mesmo à minha frente para tirar uma pedra do sapato. Estúpida. Já devia saber que esta guarda nos bate por este tipo de infrações — todos eles nos castigam, na verdade. Assim que a mulher se curvou, a guarda bateu-lhe com o seu martelete nas costas, o que a fez gritar de dor. Mas enquanto gritava, também olhou para trás na minha direção e eu entendi que aquele atraso era uma oferenda: dava-me tempo para falar com o meu irmão.

— Zofia! — exclamou ele. — Para onde te vão levar?

— Não sei — respondi sem voz. Já sentia os olhos marejados de lágrimas, mas procurei afastá-las, para não perder tempo. Peguei na mão dele através da vedação, o seu punho de menino que ainda conseguia aninhar na palma da minha mão.

— De Abek a Zofia — disse-lhe.

— De A a Z — respondeu ele.

— Quando te encontrar novamente, preenchemos o nosso abecedário. Aí estaremos completos e tudo estará bem. Prometo que vou encontrar-te.

*

É com esta versão que sonho de vez em quando. As imagens são nítidas, tão precisas que quase consigo ver cada um dos cabelos da sua cabeça. E, quando sonho com esta situação, o Abek assente com a cabeça perante a minha promessa, como se confiasse e acreditasse em mim. Por um instante, sinto-me em paz.

Mas depois disso, algo muda. A seguir, o rosto do Abek com que sonho contorce-se e as suas palavras saem por entre a dor: «Aconteceu uma coisa», diz ele. «Mas não precisamos de falar disso agora.»

PRIMEIRA PARTE





Baixa Silésia, agosto de 1945

Filas. Sou boa em filas. Sou boa em filas porque não é preciso pensar quando estamos em fila, basta ficarmos parados, e esta fila é fácil porque agora há apenas um punhado de pessoas à minha frente e porque entendo o motivo que me trouxe até aqui. O motivo é bom e eu sou boa em filas.

À frente da fila, uma mulher de aspeto oficial — creio que é da Cruz Vermelha, mas não tenho a certeza — está sentada atrás de uma mesa. É uma mesa boa, daquelas de interior, que alguém deve ter trazido de uma sala de jantar qualquer para a rua. A única diferença é que, em vez de estar pousada em cima de um tapete, está em cima das pedras da calçada e, em vez de ter castiçais a decorá-la, tem pilhas de papéis bem organizados. A mesa cheira a óleo de madeiras, ou pelo menos é o cheiro que lhe imagino; parece ser esse tipo de mesa. Em cima dela está uma chávena solitária, pousada ao lado dos papéis no canto de uma mesa primorosamente posta, como se esta disposição

fosse um resquício da sua vida anterior. É uma chávena de chá para a oficial.

— Próxima — diz ela, e todos avançamos porque é assim que as filas funcionam: avançam.

Olho para trás em direção à porta, mas as outras raparigas não vieram dizer adeus. Sou a primeira do grupo a sair do hospital. Nas semanas que se seguiram ao fim da guerra havia sempre despedidas das pacientes mais saudáveis, faziam-se sempre planos para o futuro. Podíamos olhar pela janela da enfermaria praticamente a qualquer altura do dia que víamos camiões a passar, cheios de soldados alemães a caminho das suas casas, e de soldados polacos a caminho das *suas* também. Víamos russos, alguns canadianos, e toda a gente viajava em direções diferentes, porque cada uma das direções indicava a casa de alguém, quase como se o mundo fosse como um jogo de tabuleiro e todas as peças se tivessem espalhado e misturado nos cantos errados da caixa.

Mas, naquela altura, nenhuma das raparigas estava suficientemente bem de saúde. Por isso, ainda não temos um protocolo que determine o que vamos fazer quando sairmos daqui. Não temos moradas para trocar. Não temos nada... não pesamos nada, não sentimos nada, e durante anos existimos por nada, com nada.

As nossas mentes não são nada. E é este o maior nada, a razão pela qual ainda estamos no hospital. As nossas mentes estão quebradas e confusas.

— Zofia? Não sabia se querias guardar isto.

Viro-me na direção da voz que fala comigo, para a pequena enfermeira louca que sai da porta a correr, cuja boca parece um laço vermelho. Entrega-me uma carta, a morada escrita pela minha própria mão. *Devolver ao remetente*. O remetente sou eu;

a morada era — nem sei ao certo de quem era a morada nesta altura. Durante meses, desde que estou suficientemente bem para pegar numa caneta, que ando a escrever cartas para toda a gente de cujas moradas me lembrava. *Teve notícias dele? Diga-lhe que espere por mim.* Mas as moradas já não pertenciam às mesmas pessoas, e os correios também já não funcionavam como dantes. Eu também já não era eu, mas tornou-se evidente que não podia fazer aquilo que precisava de fazer se continuasse numa cama de hospital. Se o queria encontrar, ia ter de reerguer-me.

Apesar de a minha mente ainda estar quebrada, é por este motivo que estou aqui fora e as outras raparigas continuam atrás das janelas.

Diga-lhe que os médicos não me deixam sair daqui sozinha até estar melhor, escrevi. *Diga-lhe que só melhorarei quando puder sair daqui e o encontrar.*

— Toma, também fiz isto para ti — diz a enfermeira louca, entregando-me uma trouxa de tecido, ainda quente. Comida. A sensação do calor contra a minha barriga é agradável. Começo a desembulhar o tecido para lho devolver, mas ela diz-me para ficar com ele.

Por isso, agora tenho um pedaço de tecido axadrezado. É meu e aumenta o número de posses que tenho neste mundo para seis objetos. Mais tarde, posso dobrar o tecido e usá-lo como um lenço para o cabelo, ou então posso cortá-lo ao meio, fazer dois triângulos e com eles fazer dois lenços; isto elevaria as minhas posses para sete objetos. Também tenho um vestido, roupa interior, um par de sapatos, uma nota que me deram com um valor elevado e um documento a dizer que fui prisioneira em Gross-Rosen¹. Este documento deve colocar-me em

¹ Campo de concentração na Alemanha nazi, perto da fronteira com a Polónia (hoje situa-se em território polaco). Em funcionamento de 1940-1945, era um campo de trabalho, onde morreram cerca de 40 mil judeus. [N.T.]

contacto com organizações humanitárias e ajudar-me a receber porções de comida. Os funcionários que mo entregaram disseram que este seria o meu bem mais valioso.

— Próxima — diz a mulher oficial. Ela tem a idade da minha mãe, com rugas na testa que fazem com que o seu rosto se torne mais suave. A fila atrás de mim aumentou de tamanho, à medida que chegaram mais pacientes prestes a receber alta. Chega mais um funcionário para ajudar.

A enfermeira loura continua a observar-me.

— Esqueceste-te de mais alguma coisa? — pergunta ela. *Urbaniak*, recordo-me. *O sobrenome dela é Urbaniak.*

— Os meus sapatos. Onde estão os meus sapatos?

Porque não me apercebi antes? Acabei de olhar para baixo e as botas de pele castanha que estou a usar são de uma estranha qualquer.

— Tens essas botas, são as *tuas* novas botas. Lembras-te?

— Ela é meiga e então começo mesmo a lembrar-me. Estas botas castanhas agora são minhas, porque quando me trouxeram para o hospital há uns meses, eu trazia calçados os sapatos que os nazis me tinham atribuído, mas que mal me serviam e estavam cheios de buracos. Os meus pés estavam queimados pelo frio e tão inchados que a enfermeira teve dificuldade em mos descalçar, acabando por ter de os cortar junto à pala. As enfermeiras dizem que chorei, mas eu não me lembro de chorar.

Como vim a descobrir, se alguém tiver de perder os dedos por causa do gelo, é possível perder os dois mais pequenos e continuarmos a andar e a equilibrarmo-nos.

— Tens a certeza de que não queres ficar aqui mais algum tempo, Zofia?

— Já me lembro dos meus sapatos. Só me esqueci por uns momentos.

— Já me tinhas perguntado hoje por eles.

Forço um sorriso.

— O Dima vai-se embora para o seu novo posto e tem um carro para me levar com ele.

O soldado Dima foi quem me trouxe para o hospital — que afinal não é bem um hospital, mas apenas um edifício cheio de camas e frascos de tintura de iodo. O jipe do Exército Vermelho que o Dima conduzia também estava apinhado de gente. Os russos tinham libertado Gross-Rosen três dias antes, mas acabou por se tornar evidente que nenhum de nós, incluindo os soldados russos, sabia como devia ser a libertação. Milhares de nós continuavam a viver dentro daqueles portões porque estávamos demasiado fracos para sair. O Dima encontrou-me quase inconsciente nas casernas femininas, contou-me ele num polaco imperfeito que aprendeu com a mãe. Foi uma sorte eu ter desmaiado, porque quando ele conseguiu devolver um pouco de vida ao meu rosto, todas as rações boas já tinham sido distribuídas: chocolate sedoso e carne enlatada.

Os nossos estômagos estavam demasiado frágeis para alimentos tão ricos. Vi pessoas que passaram meses a comer uma batata por dia a devorarem carne enlatada para depois nunca mais se levantarem. Tínhamos sido libertados, mas continuávamos a morrer às dúzias.

«Agora já acabou», disseram-nos os soldados em fevereiro. Não tinha acabado, pelo menos não oficialmente (isso ainda demoraria alguns meses), mas o que eles queriam dizer era que os oficiais das SS já não iam regressar ao campo.

«Agora acabou de verdade», disseram-nos as enfermeiras em maio, enquanto nos alimentavam a água com açúcar e papas de aveia à colher. Conseguíamos ouvir gritos de viva e uma grande algazarra no corredor: a Alemanha rendera-se.

O que queriam eles dizer com isto, que acabou? O que é que tinha acabado? Eu estava a quilómetros e quilómetros de casa e nem sequer tinha os meus próprios sapatos. Como é que isto podia ter acabado?

— Próximo — diz a oficial, enquanto dou mais um passo em frente.

Vê-se uma nuvem de fumo, ao mesmo tempo que se ouve o rugido de um motor. O Dima para o seu jipe. Salta do carro e vê-me à espera; mais uma vez, sinto-me espantada com o quanto se parece com um cartaz de cinema, ou com a versão cinematográfica de um soldado: tem o queixo quadrado, as maçãs do rosto altas e os olhos bondosos. Foi o Dima que levou as minhas cartas para os correios. Que, quando lhe implorei, perguntou aos seus colegas soldados o que tinha acontecido em Birkenau e descobriu que tinha sido libertado um mês antes de Gross-Rosen. E que repetiu a mesma coisa uma e outra vez quando eu me esquecia do que ele me contara. «Lembras-te, Zofia? Já falámos disto.» A minha mente parece uma peneira, mas foi o Dima quem tornou possível a minha saída do hospital — porque vou sair com ele.

— Acho que é melhor entrares, Zofia. — Pousa-me as mãos nos ombros. O cabelo dele está mais curto por cima de uma orelha do que da outra. Deve tê-lo cortado sozinho ao espelho outra vez. — Tu ficas demasiado cansada. Sabes que me preocupo contigo.

— Agora tenho de ficar nesta fila.

— Ela tem de fazer o processamento — explica a enfermeira Urbaniak. — As organizações humanitárias estão a fazer o registo de todos.

Ouve-se um toque nos vidros, como se fosse um pássaro. Levanto os olhos. Na janela do segundo andar do hospital, por trás de mim, as outras raparigas já acordaram; estão a bater

no vidro e a acenar ao Dima, e a mim também. Elas adoram o Dima. Ele retribui o aceno.

— Próxima — diz a mulher da Cruz Vermelha. Espero um instante até me aperceber de que chegou finalmente a minha vez. O uniforme dela é um fato azul simples. O meu vestido também é azul-pálido. A enfermeira que mo deu disse-me que a cor ficava bem com os meus olhos e cabelo. *São mentiras bondosas*. Naquela altura o meu cabelo era irregular, com umas partes rapadas, tão curto quanto os dos rapazes. Agora já cresceu quase até ao queixo, mas é fino e tem um tom castanho tímido em vez dos caracóis lustrosos que tinha. Os meus olhos continuam a ser da cor do vazio. — Menina? — Chama a mulher de um modo maternal. — Menina?

— Zofia Lederman. — Aguardo que registe o meu nome dos seus papéis.

— Vai para casa?

— Sim. Para Sosnowiec.

— E quem quer que ponha na sua lista? — pergunta, mas apercebe-se da minha confusão. — Estamos a perguntar se tem alguns nomes para incluir?

— Nomes? — Sei que o que ela está a perguntar deve fazer sentido, mas o meu cérebro ensombrou-se novamente; não consigo analisar gramaticalmente as palavras. Começo a virar-me mais uma vez para a enfermeira Urbaniak e para o Dima em busca de ajuda.

A oficial pausa a mão em cima da minha até eu olhar novamente para ela. A sua voz é agora mais suave, já não tem um tom tão ríspido e oficial.

— Está a perceber? Estamos a registar o sítio para onde vai, mas também os familiares que procura. Há alguém que possa andar à sua procura?

Nomes. Já fiz isto uma vez, há meses, assim que recuperei a consciência, com a ajuda das pessoas da associação de solidariedade. Nunca deu em nada, e agora dizer o nome dele magoa-me a garganta.

— Abek. O meu irmão, Abek Lederman.

— Que idade tem ele?

— Agora terá 12 anos.

— Sabe alguma coisa relativamente ao seu paradeiro?

— Fomos ambos enviados para Birkenau, mas eu fui transferida duas vezes depois, primeiro para uma fábrica têxtil em Neustadt e por fim para Gross-Rosen. A última vez em que o vi já foi há mais de três anos.

Observo-a a anotar cuidadosamente as minhas palavras.

— E quem mais? — pergunta.

— Só o Abek.

Só o Abek. É por isso que preciso de ir para casa. Birkenau foi libertado um mês antes de Gross-Rosen. O Abek pode já estar à minha espera.

— Tem a certeza de que não há mais ninguém? — A caneta dela paira sobre a próxima linha em branco. Está a tentar encontrar uma forma de ser delicada comigo. — Fomos percebendo que o melhor é estabelecer uma rede de contactos o mais abrangente possível. Não apenas da família imediata, mas de primos e outros parentes mais afastados. Assim aumentamos a probabilidade de encontrar alguém.

— Não preciso de acrescentar mais ninguém.

Parentes mais afastados. Ela não teve esta intenção, mas faz-me lembrar de quando o meu antigo professor trazia doces para as aulas. «Não estejam a escolher», avisava ele, enquanto percorria a sala com a taça de doces na mão.

Não estejas a escolher. Tens sorte em ainda te restarem membros da família; dá os seus nomes e pronto.

— Veja estas linhas todas em branco. — A oficial gesticula para a folha de papel, paciente, como se estivesse a falar com um bebé. — Têm imenso espaço para adicionar todas as pessoas que quiser. Se procura apenas uma pessoa (uma pessoa só no continente inteiro), pode ser impossível encontrá-la.

Uma pessoa. Impossível.

Olho para as linhas vazias na folha de papel. Não há linhas suficientes, nem de longe, nem de perto, para poder deixar registada a história de todas as pessoas de quem sinto falta. Fecho os olhos com força, tentando impedir que as lágrimas corram, porque sei que as enfermeiras estiveram erradas este tempo todo: às vezes o meu problema não é ter dificuldade em lembrar-me das coisas, mas sim em esquecer-me delas.

Atrás de mim, o Dima muda o peso do corpo de um pé para o outro, em sinal de preocupação. Percebo que está a questionar-se se deve ajudar-me ou não.

Se existissem linhas suficientes naquela folha de papel, era assim que começava a minha história:

Contar-lhe-ia que no dia 12 de agosto de 1942, todos os judeus que ainda viviam em Sosnowiec receberam ordens para se dirigirem ao estádio de futebol. As indicações eram que iríamos receber novos documentos de identificação. Já naquela altura isto nos pareceu suspeito, mas têm de entender — e era assim que dizia a oficial: «Têm de entender.» — que os alemães já tinham ocupado a nossa cidade há três anos. Estávamos habituados a receber ordens arbitrárias que por vezes se tornavam aterrorizantes e outras vezes resultavam em coisas benignas. Contar-lhe-ia como a minha família tinha sido obrigada a mudar-se do nosso apartamento para um no outro lado da

cidade, sem outro motivo que não pelas fronteiras imaginárias que tinham sido desenhadas num mapa e pela determinação de que os judeus só podiam viver no interior destas fronteiras. E como a Baba Rose e eu já tínhamos feito estrelas a partir de um molde de papel de jornal para prender nas nossas roupas.

O meu pai já se tinha apresentado no estádio uma vez: os alemães obrigavam todos os homens a irem para lá. Foram levados, mas depois regressaram, lívidos, sem quererem falar das coisas que tinham visto. *Mas regressaram.*

Contaria a esta oficial da Cruz Vermelha que os documentos de identificação eram o nosso meio de sobrevivência: sem eles não podíamos comprar comida ou andar na rua. Por isso tivemos de ir para o estádio e ainda vestimos as nossas melhores roupas. As ordens que recebemos mandavam-nos fazer isto, o que nos trouxe algum conforto, porque talvez nos fossem mesmo tirar fotografias para os documentos de identificação.

Mas depois chegámos lá e não havia máquinas fotográficas. Apenas soldados. E a única coisa que faziam era separar-nos de acordo com a saúde e com a idade. Os de aspeto robusto iam para um grupo, enquanto os fracos, velhos ou as famílias com crianças iam para outro. Uma das filas era constituída por pessoas que iriam trabalhar em fábricas. A outra, por pessoas que iam trabalhar nos campos.

Aquilo demorou horas, dias até. Éramos milhares de pessoas ali no campo, e todos tínhamos de ser escolhidos, separados e interrogados sobre se tínhamos alguma aptidão especial ou se conhecíamos alguém importante. As SS rodeavam o perímetro. Atrás da minha família, um senhor já idoso que reconheci da farmácia estava a rezar e dois soldados aproximaram-se para fazer troça dele. Um deles derrubou o chapéu da sua cabeça, o outro deu-lhe uma joelhada para o fazer cair ao chão.

O meu pai apressou-se a ir até ele para o ajudar a levantar — como eu sabia que faria, já que ele era sempre muito bondoso para pessoas idosas — apesar de eu e a minha mãe lhe implorarmos que não o fizesse, e eu pensei: *Não vale a pena.*

Eu e a minha mãe revezámo-nos a abraçar o Abek e a contar-lhe histórias de encantar: *A Princesa e o Sapo. O Urso na Cabana da Floresta. O Redemoinho*, o seu favorito.

O Abek era alto para a sua idade e por isso parecia mais velho. Quando nos apercebemos de que os soldados nos estavam a escolher, soubemos logo que este seria um dos critérios de seleção. «Abek», disse a nossa mãe, «Tu tens 12 anos, não 9, está bem? Tens 12 anos e há um ano que trabalhas na fábrica do teu pai.»

Procurámos reconfortar-nos a todos com estes pequenos detalhes. Olhámos para a Baba Rose, a minha doce e paciente avó, e dissemos a nós mesmos que ela parecia muito mais nova do que os seus 67 anos. Dissemos a nós mesmos que não havia em toda a cidade de Sosnowiec alguém que costurasse tão bem como ela. Os clientes que compravam fatos e saias na loja da minha família faziam-no por causa dos bordados à mão da Baba Rose, e certamente que isto contava como uma aptidão especial.

Dissemos a nós mesmos que a tosse da minha mãe, aquela que a enfraquecera ao longo dos últimos meses e que já estava a começar a passar para o Abek também, mal se notava. Dissemos que nunca ninguém havia de reparar que a tia Maja coxeava.

«Belisca as bochechas», dizia-me a minha tia Maja. «Quando vierem ter contigo, belisca as bochechas para ficarem coradas e cheias de vida.»

O rosto da tia Maja era tão bonito e a sua gargalhada tão alegre que nunca nenhum dos seus pretendentes se preocupou

com o facto de ter nascido com a anca desalinhada, coisa que a fazia andar com um solavanco em vez de a deixar deslizar. Ela era bastante mais nova do que a minha mãe e apenas nove anos mais velha do que eu. Costumava dizer-me para beliscar o rosto para ficar tão bonita como ela. Agora mandava-me fazê-lo para ficarmos ambas em segurança.

A escuridão abateu-se sobre nós e a chuva começou a cair. Abrimos a boca para apanhar os pingos de chuva; há dias que não comíamos nem bebíamos nada. Durante os primeiros instantes, a água que caía sobre a nossa pele queimada pelo sol era agradável, mas depois ficávamos com frio. Ao meu lado, o Abek aninhou a mão dentro da minha.

«E então o Príncipe Dobrotek aproximou-se da orelha do seu cavalo», disse eu, contando mais uma vez a história de *O Redemoinho*. Sempre tive jeito para contar histórias. «E quando se arrastou para o outro lado, lembras-te do que trazia vestido?»

«Uma armadura dourada», respondeu o Abek. «E a seguir cavalgou no seu cavalo até à montanha que se mexia.»

«Belisca as bochechas!», exclamou a tia Maja. «Belisca as bochechas, Zofia, e sorri.»

Mantive a mão do Abek dentro da minha e arrastei-o comigo até aos soldados.

«Tenho 15 anos», disse-lhes. «Sei costurar e trabalhar com o tear. O meu irmão tem 12.»

Compreendem agora porque não há espaço na folha desta oficial para poder explicar tudo isto? Ela ia demorar horas a escrever. E acabava-se-lhe a tinta. Há demasiados judeus, milhões deles que estão desaparecidos, cuja informação ela tem de reunir.

O Dima dá um passo em frente.

— A Zofia não tem mais nomes para dar. Ela não está bem.

— Eu consigo — protesto, mas nem sequer sei bem o que quero dizer com *isto*. Consigo manter-me de pé na fila? Consigo voltar a ficar bem?

A oficial acrescenta o meu processo à sua pilha. O Dima estende-me a mão e aceito-a. Encolho-me no lugar do passageiro no seu jipe e deixo que me coloque o casaco por cima do colo enquanto a enfermeira Urbaniak se certifica de que a trouxa de comida está em segurança no chão do carro.

O que devia ter dito à oficial é o seguinte: Sei que não preciso de pôr mais ninguém na minha lista porque quando os soldados seleccionaram a minha família, mandaram-nos a todos para Birkenau. E quando chegámos a Birkenau havia outra fila que se dividia em duas. Nessa fila, as pessoas com sorte eram enviadas para os trabalhos forçados. As pessoas sem sorte... Conseguíamos ver o fumo. O fumo produzido pelos corpos das pessoas sem sorte a arder.

Naquela linha, eu e o Abek fomos mandados para a direita.

Neste continente há apenas uma pessoa que preciso de encontrar. Preciso de ir para casa, preciso de sobreviver, preciso de manter o meu cérebro a funcionar por uma pessoa apenas.

Porque todos os outros, o meu pai, a minha mãe, a Baba Rose e a minha bela tia Maja — todos, todos os outros, juntamente com a população devastada de Sosnowiec —, foram para a esquerda.



O Dima conduz devagar. Naquela que parece a rua principal desta cidade, uma senhora de avental varre a soleira da sua porta. Pelo menos parto do princípio de que seja a soleira e de que seja a sua. Ela está a apanhar pedras para uma pá, depois esvazia a pá no caixote do lixo, mas não tem nada atrás de si. Só destroços dos restos de uma estrutura de tijolo que lhe dá pela cintura, a mais vaga centelha de uma porta de entrada. Podem ser destroços novos, dos Aliados, ou antigos, dos alemães. A Polónia já tinha sido invadida duas vezes. Isto é a Polónia? As fronteiras estão sempre a mudar. Nunca estive tão longe do hospital como agora. Da janela só consigo ver a loja de uma modista meio entaipada, sem vestidos na montra. «O que achas que vamos comprar quando ficarmos boas?» perguntara com ar sonhador a mulher a quem chamávamos Bissel. «Acho que não vamos comprar nada», respondi-lhe. «Porque não vai haver nada para vender.»

O polaco do Dima é um pouco arranhado e as suas palavras de uma e duas sílabas são sempre pontuadas com ênfase e gestos.

— Tens fome? — pergunta ele quando os seixos dão lugar à terra batida. — Tens alguns doces por baixo do banco.

— Não, obrigada.

— Vai lá ver, mesmo assim — diz ele com orgulho. — É uma surpresa.

Faço-lhe a vontade e levo a mão por baixo do meu banco. Sinto um pacote de plástico com doces e ao lado algo retangular e suave. É uma revista de moda. Americana, pelo que me parece. Na capa está uma mulher com um elegante chapéu vermelho. Da primeira vez que o Dima me visitou e eu estava acordada, perguntou-me o que podia trazer-me para o hospital e eu respondi-lhe: *batom*. Percebi que ele ficou surpreso com a minha resposta, com a ideia de que uma rapariga ferida e enfraquecida pudesse querer ser bonita. Não lhe disse que só queria alguma coisa que ajudasse a acabar com as dores que sentia nos lábios gretados. Achei que ele não conhecia a palavra polaca para *cieiro*. Por isso pedi-lhe apenas *batom*. Pensei que conhecesse esta palavra.

— Estás confortável? — pergunta-me agora.

— Estou.

— Está ali um cobertor — oferece, assentindo com a cabeça para o banco de trás.

— Não tenho frio.

— Mas tu tens sempre frio. — Franze o sobrolho. Estava tão satisfeito consigo mesmo por ter pensado naquilo e agora está tão desanimado que eu não precise do cobertor. Levo o braço ao banco de trás, pego no cobertor e ponho-o em redor dos ombros. O Dima sorri com ar aprovador.

— Obrigada — agradeço-lhe. — És muito bondoso.

— Hoje é um dia excitante — diz ele. — Daqui a pouco chegamos. O carro é rápido. Até lá, descansa.

Encosto-me à lateral do carro, mas não fecho os olhos. A estrada está salpicada com destroços. Rodas de vagões partidas, juntas viradas ao contrário, latas de leite com o fundo enferrujado. Penso que cada artigo representa uma família que não conseguiu ir mais longe antes de ser parada, ou levada, ou ficar demasiado cansada para continuar a carregar mais coisas. As posses das pessoas foram deixadas assim, primeiro as coisas mais frívolas, como caixas de música, xales e tudo aquilo de que um corpo não precisa para sobreviver. E uma vez que o corpo consegue sobreviver sem praticamente tudo, tudo foi deixado para trás: rodas de vagões partidas, juntas para prender o gado viradas ao contrário, latas de leite com o fundo enferrujado. Penso que cada artigo representa uma família que não conseguiu ir mais longe antes de ser parada, ou então...

Para com isso, digo a mim mesma, tentando quebrar o ciclo. *Para*. Agora é isto que acontece ao meu cérebro, parece que encalha e começa a andar em círculos. Não me deixa pensar em algumas coisas e não me deixa parar de pensar noutras. Às vezes o meu cérebro está bem, ou pelo menos a ficar melhor, mas mesmo assim é ativado por coisas que nem sempre consigo prever e continua a ser frágil como gelo negro.

Olho para o outro lado da estrada, em direção ao campo de colinas ondulantes, e tento não ficar impressionada. Naquele lado não há destroços. Em vez deles, há uma extensão grande de terra revolvida, castanha e pálida, mas também não consigo aguentar esta imagem.

Em algumas ocasiões não foram as famílias que se cansaram. Em algumas ocasiões, foram mortas no sítio onde estavam.

Em algumas ocasiões, transformaram cidades inteiras em campas comunitárias. Fecho os olhos com força.

Já acabou, já acabou, já acabou.

Antigamente até gostava do cheiro a terra. Quando íamos de férias para o campo, eu e o Abek fazíamos desenhos na terra com paus, e eu ensinava-lhe o alfabeto.

A de Abek.

Será possível que neste preciso instante eu consiga cheirar alguma coisa por baixo desta terra, algo fétido e aterrorizado?

B de Baba Rose.

— Vamos parar para almoçar? — sugere de repente o Dima, e fico aliviada ao ouvir o som da sua voz a interromper-me os pensamentos.

— Importas-te muito se continuarmos a viagem? — Quero chegar ao Abek o mais depressa possível. — A não ser que queiras mesmo parar — acrescento rapidamente. Esta é a primeira vez que passamos tanto tempo juntos, bem como a primeira em que ele me vê fora das instalações do hospital. Mas se o Dima acha a situação estranha, tem o cuidado de não o mostrar.

— Não, podemos continuar. Quero levar-te lá, para ficares em segurança. Precisas de mais alguma coisa? De água? De caminhar as pernas?

— De esticar as pernas, queres tu dizer — corrijo-o.

— Esticar?

— É o que se diz. É uma expressão idiomática, como se fosse um provérbio.

— Precisas de esticar as pernas? — pergunta ele, satisfeito com a nova expressão. Estende o braço e dá-me uma palmada no joelho. «Que sorte a tua», disseram as outras raparigas no hospital. «Sê simpática para ele.»

— Não, eu... Podemos continuar a viagem? — pergunto. — É o que eu prefiro. Talvez possas contar-me uma história. Ou posso tentar descansar outra vez.

Os olhos dele enchem-se imediatamente de preocupação.

— Sim, devias descansar. Tu descansas e eu levo-nos para casa.

*

Não tinha sequer a intenção de fechar os olhos — estava à procura de sossego, não de sono. Mas devo tê-los fechado, porque subitamente senti o carro a dar um solavanco e a parar.

— Zofia. — A mão do Dima pousa sobre o meu ombro e acorda-me com suavidade.

Os meus olhos abrem-se de repente e observo o que me rodeia. O terreno é mais plano. O Sol está a meio do céu — passaram-se horas. O Dima sorri amplamente, gesticulando para lá do vidro para-brisas.

Inicialmente, não consigo perceber o que ele quer que eu veja, mas depois não acredito no que estou a ver. É uma placa de madeira, escrita com uma caligrafia meticulosa.

— Já? — arquejo.

— Eu bem te disse que este carro é bom. É um carro rápido.

SOSNOWITZ, diz a placa. Os alemães vieram a Sosnowiec e deram-lhe um nome alemão.

Mas eu não estava a falar do carro. O que queria dizer era: *Como podemos já estar aqui? Como posso estar de regresso a casa?* Era mais fácil imaginar que as coisas más aconteciam longe dali, num continente diferente. Mas Birkenau, o primeiro campo para onde fui, ficava a menos de 25 quilómetros de distância.

— É aqui, não é? — pergunta o Dima. Parou o jipe e está a olhar para mim com curiosidade. A minha reação não é a que ele esperava.

— Sim, é aqui.

— Diz-me: para onde devo ir agora?

Engoli em seco, tentando situar-me.

— Para casa. Para o Abek.

— Para que lado é?

Estamos no extremo de Sosnowiec. Aqui há pequenas quintas, pequenos campos de terra. À medida que nos aproximamos da cidade, as casas vão amontoar-se e transformar-se em edifícios de apartamentos com três e quatro pisos. Consegui ver o bairro industrial ao longe: se estivéssemos mais perto conseguia ver a fuligem que as fábricas produzem e que fica a pairar no ar por cima dos fios de eletricidade que alimentam os elétricos. Via as praças amplas e pavimentadas, os candeeiros de rua eletrificados, os cafés cheios de trabalhadores apressados durante a hora do almoço.

— Zofia?

Reorganizo os meus pensamentos. Posso dar duas moradas ao Dima. A primeira fica no bairro Śródula, nos arredores da cidade, o gueto judeu para onde a minha família foi obrigada a ir quando eu tinha 13 anos. Lá havia lixo nas ruas, paredes a desmoronar-se e lotes vazios. Éramos seis pessoas amontoadas num quarto.

A segunda morada é a minha casa, a minha verdadeira casa, que pertencia à Baba Rose, onde a minha mãe foi criada e para onde o meu pai se mudou depois de casar com ela. Esta fica mais próxima do centro da cidade.

— Vira à direita — decido. Vamos para a minha verdadeira casa. Afinal de contas o plano era esse, eu e o Abek

encontrarmo-nos lá quando tudo acabasse. Foi o que lhe disse. «Repete a morada, Abek. Lembras-te das bétulas à frente da casa?» «E se ele estiver lá sozinho à minha espera? *Eu tentei ficar melhor o mais depressa possível, Abek. Tentei.*

O Dima faz o que lhe peço e a estrada de gravilha transforma-se em asfalto. Passamos por alguns homens com roupas de trabalho simples e depois por mais homens ainda, mas estes estão de fatos formais e chapéus. O Dima levanta a mão e cumprimenta-os; um deles devolve o aceno, cautelosamente, mas os outros parecem nem dar pela nossa presença.

— O que é isto? — O Dima está a apontar para uma enorme extensão verde no meio dos edifícios.

— É o Parque Sielecki. Às vezes vínhamos aqui nas visitas de estudo.

— Ah! — Alguns minutos depois voltou a estender a mão, apontado para outra coisa qualquer. — E isto?

Ele está tão entusiasmado em ver a cidade que parece que também está numa visita de estudo, ou que estamos aqui juntos de férias. No hospital tentaram preparar-nos para o facto de poder ser estranho regressar a casa, mas não estava à espera de sentir o que sinto agora. O meu estômago contorce-se, ao mesmo tempo que sinto um sabor estranho e metálico na boca.

— Isto é um castelo? — O Dima aponta para o edifício mais ornamentado que vimos até agora.

— É a estação de caminhos de ferro. Ao fim de semana costumava haver ali um mercado. Chamamos-lhe... — calo-me, porque até esta memória inconsequente me provoca uma pontada de familiaridade. — Chamamos-lhe a Frigideira.

A minha cidade feia, tão bonita. Sosnowiec não é um lugar impressionante como Cracóvia, onde a minha mãe me costumava levar a almoçar no meu aniversário. Sosnowiec é onde os

barões da indústria vieram construir as suas fábricas: de ferro, de aço, de cordas e de tinturas. Tem estradas largas, edifícios práticos e o ar está impregnado de fumo e neblina. Este lugar dá um ar de eficiência, mas não tem charme. Quem pode amar uma cidade cuja alcunha é «a Frigideira»?

A minha família podia amar uma cidade destas. Mas não fazíamos ideia do quão pouco a cidade nos amava a nós.

Sei que muita gente resistiu ao Exército Alemão: o Exército Nacional, as Forças Armadas Nacionais e a União Militar Judaica, todos lutaram contra a ocupação. Sei — ou ouvi dizer mais tarde — que houve uma revolta em Varsóvia e que a cidade se insurgiu durante mais de 60 dias em protesto contra os nazis. Sei também que é essencialmente por isso que Varsóvia já quase não existe: os alemães castigaram a revolta arrasando a cidade.

Contudo, também sei que quando os alemães nos invadiram, muitas pessoas da minha cidade conheciam a saudação nazi.

A paisagem torna-se mais pessoal. Passamos pela biblioteca — ou o que costumava ser a biblioteca —, bem como pelo mercado, onde ainda na semana da invasão comprámos comida. Estávamos no verão e os nossos armários estavam vazios porque tínhamos acabado de voltar de férias. Na mercearia, os artigos essenciais como o pão já eram uma raridade. O que restava eram os produtos mais caros: panquecas finas como papel à espera de serem enroladas com carne picada e frascos coloridos com ruibarbo de conserva, dispostos em fila ao lado do merceiro que nos olhava com um ar abalado.

— Compra tudo — disse a minha mãe calmamente.

Nas primeiras duas semanas da ocupação nazi, comemos como se estivéssemos em festa.

*

O jipe contornou um edifício de tijolo vermelho com arcos de pedra calcária. Desta vez nem espero que o Dima me pergunte o que é.

— É o Palácio Dietel — digo. — Heinrich Dietel fundou as fábricas têxteis de Sosnowiec.

Mas enquanto digo estas palavras, o meu coração começa a bater mais depressa, ao mesmo tempo que sinto a boca seca. O Palácio Dietel significa que estamos perto da minha casa. O meu pai costumava percorrer este caminho para ir para a nossa fábrica.

Olho com mais atenção. O tecido estendido por cima do portão principal do palácio não é o brocado habitual que representa a fortuna da família Dietel, mas sim um pano esvoaçante vermelho com uma estrela e uma foice amarelas.

— Deve ser para ali que temos de ir, Dima. — Aponto para a bandeira soviética.

O rosto dele ilumina-se.

— Acho que sim. Vou passar por ali e depois vou levar-te para a tua casa?

A sensação de pânico aumenta, o coração bate ainda mais depressa.

— Não! Eu preciso de ir primeiro à minha casa.

O rosto dele ensombra-se.

— Só demora um minuto.

Tento controlar a minha irritação, mas já estou a estender a mão para a porta.

— A minha *casa* também só fica a um minuto daqui.

— Mas, Zofia. — Ele está atordoado pela minha súbita força de espírito, acho eu. Até eu estou atordoada.

— É melhor ires agora. Tenho a certeza de que queres apresentar-te aos teus superiores.

O meu irmão pode já estar em casa, por isso não quero esperar. E não posso reencontrar-me com ele com outras pessoas a observar.

— Vais ficar em segurança sem mim? — pergunta ele com relutância.

— Posso deixar-te a minha morada... podes lá ir ter quando acabares o que tens para fazer aqui.

Acabei por conseguir convencê-lo a partir. Não estava a mentir. A minha casa fica mesmo a poucos quarteirões daqui e a caminhada é ainda mais curta se for pelos atalhos das vielas, que é o que os meus pés fazem de cor. Desato a correr, o que faz o meu pé magoado latejar ao pisar as pedras. Não consigo correr mais; há anos que não conseguia correr nem um pouco e, no entanto, aqui estou eu, a correr ao mesmo tempo que o coração explode dentro do meu peito.

E de repente, já lá estou, em frente a uma placa branca com o nome da rua: Mariacka.

A estrada é curta, composta principalmente por blocos de apartamentos. O nosso edifício é o do meio. Tem quatro pisos de altura e é feito de arenito rosado.

Ensaiei este momento milhares de vezes. O que faria se o nosso antigo porteiro ali estivesse. O que faria se fosse um porteiro novo que não me reconhecesse.

Mas não há ninguém junto à entrada. Não há ninguém que me impeça de subir, por isso empurro a porta de madeira de carvalho. No átrio encontro os mesmos mosaicos de mármore. A mesma lâmpada que tremeluz. Estou em *casa*.

Paro junto à fila de caixas de correio. Ao passar a mão pela caixa, sinto uma saliência no latão: é a chave suplente, colada ao fundo da caixa, onde ninguém a encontraria se não andasse

à sua procura. A chave cai para a minha mão, pesada e torneada; a fita-cola desfaz-se em flocos castanhos e secos.

Talvez o Abek já esteja em casa à minha espera. O meu coração estremece com a possibilidade e subo as escadas a correr. Imagino o fogão com o lume aceso. Lençóis limpos na cama.

Mal toco na maçaneta quando a porta se abre de rompante.

**A autora de *A Rapariga do Casaco Azul*
brinda-nos com uma história misteriosa e intensa,
que nos leva numa viagem pelos traumas
e lutas dos sobreviventes do Holocausto.**

Aos 15 anos, Zofia Lederman viu a família seguir pela fila da esquerda no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, em direção às câmaras de gás. Só ela e o irmão mais novo, Abek, sobreviveram, ao serem encaminhados para a fila da direita.

Três anos depois, o fim da guerra é declarado e Zofia está determinada a seguir a única pista que a pode levar até ao irmão. Vagueando pelos destroços de uma Europa arrasada, ela atravessa a fronteira da Polónia até um campo de refugiados em Munique, onde conhece outros sobreviventes que lhe mostram como construir um novo futuro. Contudo, Zofia não quer esquecer o passado. Ela precisa de reencontrar o irmão e cumprir a promessa que lhe fez quando foram separados: *De Abek a Zofia. De A a Z. Quando te encontrar novamente, preenchemos o nosso abecedário. Prometo que vou encontrar-te.*

**Mas quanto mais Zofia procura, mais dura se torna a jornada.
E a pouca esperança que lhe resta está prestes a desvanecer...**



LÊ OS
OUTROS
LIVROS
DA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-786-6



Romance Histórico